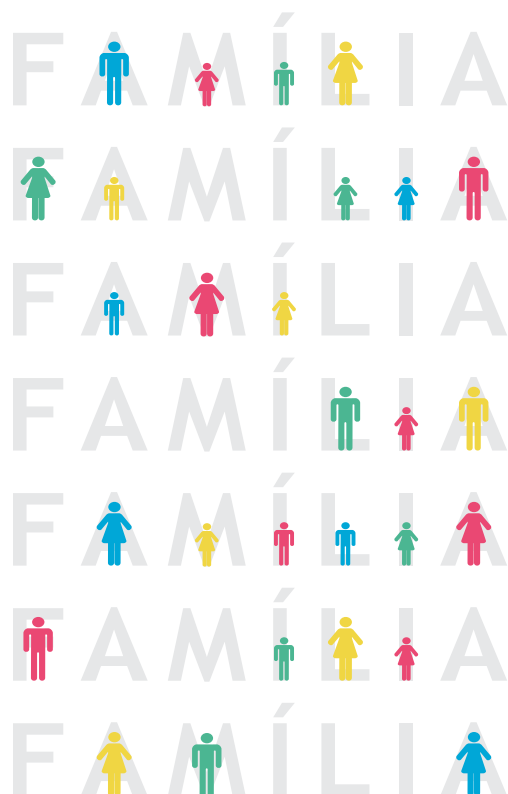


Apresentação

FAMÍLIA: ENTRE CUIDADOS E CONFLITOS



Prezados amigos e amigas,

E família, como vai? O que significa ser família hoje? Como construímos relações mais humanas dentro da família? Estas e outras questões orientaram a construção deste número do **Boletim Cidadania em Rede**.

Assim, escolhemos debater as relações familiares a partir dos conceitos de cuidado, proteção e conflitos, inspirados pelo nosso compromisso institucional de educar em e para os direitos humanos. Sem dúvidas, a família é uma das mais importantes instituições na defesa da dignidade humana.

Veremos, nesta edição, como as relações familiares podem se constituir, entre nós, como um elemento fundamental e como precisamos, como seres humanos, de referências positivas para construirmos famílias plurais, diversas e abertas ao cuidado e a proteção de todos e todas, sem negar os conflitos a ela inerentes. Assim, através de notícias, atividades, entrevistas, textos e imagens, queremos aprofundar o que significa entender a família como espaço de cuidado, proteção e conflitos. Este é o convite do Boletim Cidadania em Rede.

Lembramos ainda que o Boletim Cidadania em Rede pode ser utilizado em conjunto com o “**Jornal Mural Imagens e Palavras**” que trata do mesmo tema. Assim, os dois materiais se complementam e potencializam as atividades formativas sobre o tema proposto.

Boa leitura e bom trabalho!

A Equipe.



destaques

**O QUE É SER
FAMÍLIA HOJE?**

**E A FAMÍLIA,
COMO VAI?**

Com a Palavra... **Zygmunt Bauman**



“ Os laços humanos são uma benção e uma maldição ao mesmo tempo. Benção por ter confiança numa pessoa e se sentir capaz de fazer algo por ela. A maldição vem porque, quando se cria um laço, faz-se uma espécie de juramento de estar sempre “preso” ao lado do outro. Nas relações familiares, permanecem dois valores essenciais para o estabelecimento de uma vida relativamente feliz: segurança e liberdade. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é o caos. Ninguém encontrou a fórmula dourada, a mistura perfeita entre elas. Sempre que se consegue mais segurança, entrega-se uma parcela da liberdade, e o contrário também é válido.”

Zygmunt Bauman. Nasceu em 1925. Sociólogo polonês, com ampla obra sobre as relações humanas no mundo contemporâneo.



O QUE É SER FAMÍLIA HOJE?*

Lúcia Helena Saavedra

Há algum tempo atrás, o termo “família” suscitava representações e imagens pouco discrepantes, as quais incluíam as figuras de filhos circundados por uma mãe e um pai, todos sob um mesmo teto. A esse espaço físico dava-se o nome de lar. Algumas vezes, ainda se juntavam a esse núcleo primário outros adultos, como avós ou tios, que integravam a família mais extensa. Pode-se dizer que assim era uma família típica de uns 50 ou 60 anos atrás.

Falando-se desse modo, no tempo passado, pode parecer que a família caiu em desuso ou que se encontra em extinção. Mas, não. A família não acabou. Continua a existir, embora hoje ela possa ser definida como um conceito mais amplo, por abranger vários significados.

Assim, atualmente, encontram-se núcleos familiares com as mais diferentes configurações. Uma família pode ser constituída de uma mãe, que cria sozinha seus filhos, ou mais raramente, de um pai que assume essa função. Pode ainda referir-se a um casal recasado, vindo de experiências matrimoniais anteriores, das quais trazem seus respectivos filhos, unidos agora neste novo núcleo. Outras vezes até as crianças vivem a experiência de “ter duas famílias”, como é explicado a elas, passando períodos alternados entre a casa da mãe e do pai. É por isso que hoje ao termo família vão-se adicionando qualidades, antes desnecessárias, para caracterizar a que tipo de realidade se está referindo. Daí, família tradicional, família monoparental e assim por diante.

Mas, então, se existem tantas variantes daquilo que antes se considerava simplesmente uma família, qual seria o elemento comum capaz de garantir a realidades tão distintas a uma mesma definição?

De modo geral, afirma-se que o que inaugura a família é a chegada do primeiro filho. Antes disso, o que se tem é apenas o casal, ou a relação de duas pessoas. Etimologicamente falando, criança é o ser humano que está sendo criado, que está em fase de criação. Então, é possível dizer que, quando um ou mais adultos assumem para a criação de uma criança, seja ela sua filha biológica ou não, aí existe uma família.

Mas, gerar filhos não é apenas colocá-los no mundo. O ato de gerar se inicia com a fecundação e se completa a cada novo dia, na medida em que é possível ir tornando esses filhos cada vez mais humanos, ou seja, cada vez mais capazes de pensar, de sentir, de se relacionar e de se perceberem assim. Parece razoável dizer que isso complementa a fertilidade.

Para que se cumpra essa missão, ontem, hoje e sempre, cabe à família desempenhar funções fundamentais, entre as quais: (1) acolher os filhos, oferecendo-lhes condições para que seu desenvolvimento - físico, intelectual, emocional e moral - ocorra da melhor maneira possível; (2) transmitir-lhes segurança e tranquilidade; (3) ajudá-los a construírem sua própria identidade e a serem capazes de se relacionarem com outras pessoas, a partir da convivência com os membros da própria família; (4) transmitir-lhes os valores essenciais à sua vida e os princípios inerentes ao convívio com seus semelhantes, o que permitirá sua adaptação social.

E tudo isso, que antes parecia ser algo banal, simplesmente inerente à vida, tornou-se muito complexo, justamente pelo caráter plural do

mundo. Cada família, regida por suas próprias regras, está em constante confronto com outras realidades, cujos valores e modos de expressão podem diferir bastante dos seus. Aquilo, que é considerado certo para um grupo familiar, pode não ser para outro.

De certa maneira, essa interação pode ser muito enriquecedora, por oferecer a possibilidade de conhecimento de diferentes realidades; mas é, ao mesmo tempo, muito ameaçadora. Então, um dos grandes desafios da família hoje é ser capaz de estabelecer suas próprias leis, vivenciá-las e transmiti-las de modo tão verdadeiro, seguro e coerente, que seja possível aos seus membros manterem-se fiéis a esses valores, mesmo em confronto com toda pluralidade do mundo exterior. E, que ao mesmo tempo, a família não se feche em si mesma, mas ao contrário, possa estar aberta ao relacionamento com outras famílias, fazendo com elas um intercâmbio de ideias e experiências.

Assim, torna-se essencial o diálogo entre os diversos personagens dessa trama familiar, pois quanto mais diversas e adversas são as condições “lá de fora”, tanto maior é a exigência de se manter a comunicação entre os membros da família. Para isso, os adultos fundadores do núcleo familiar, devem estar muito seguros de seus valores, dos princípios que julgam serem essenciais à vida, para poderem transmiti-los às crianças e jovens, sabendo que serão alvos de críticas e de questionamentos por parte deles. E é justamente por meio do exercício dialógico entre adultos e crianças e destes entre si que os mais novos vão se capazes de construir seus próprios valores, de desenvolver suas ideias e aprender a defendê-las nos diversos ambientes onde estiverem inseridos.

Portanto, pode-se dizer que a família é um rico espaço de aprendizagem, o primeiro da vida da criança. É aí que ela começa a receber as primeiras informações sobre o mundo, a fazer suas experiências iniciais. Mas é também nesse espaço de encontro que a criança vai aprender a expressar suas emoções, estabelecendo seus primeiros vínculos afetivos, os quais servirão de modelo para os futuros relacionamentos que ela há de construir pela vida afora.

É ainda na família que os filhos poderão se iniciar no exercício de uma competição saudável entre irmãos, o que é fundamental nos dias de hoje. Numa época em que o individualismo e o egoísmo parecem ser a tônica das relações interpessoais, mais importante se torna que as crianças possam ter, dentro do lar, a oportunidade de experimentar uma forma diferente de relacionamento, baseado no companheirismo, na partilha, na capacidade de dividir seus pertences, na cooperação. E tudo com a ajuda dos adultos, que podem funcionar como mediadores de todas essas situações. Por exemplo, ao invés de dar a cada criança da família uma bicicleta, melhor seria oferecer a eles meios de compartilhá-la, por mais difícil que isso possa parecer. A família é ainda o lugar privilegiado para o desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade de escuta do outro.

Ao mesmo tempo, nessa dinâmica familiar, os adultos também têm muito a aprender. Eles são igualmente impelidos a ampliarem seus relacionamentos no convívio com os mais novos, saindo de sua relação dual inicial, aprendendo assim a compartilhar espaços, a partilhar vivências, a expressar emoções. Portanto, o ambiente

familiar pode ser para eles um espaço de crescimento, desde que estejam abertos a essas experiências. Afinal, é na convivência com os mais novos que eles aprendem a serem os responsáveis pela família.

Hoje, muito mais do que antes, por conta da quantidade de conhecimentos a que os mais novos têm acesso, os adultos são constantemente questionados, tanto com relação a informações objetivas, quanto a questões éticas e morais, a valores, a questões sociais. Essa parece ser uma característica do mundo atual, pois é comum que as crianças atinjam rapidamente um nível de desenvolvimento igual ou até superior ao dos próprios responsáveis, o que pode dificultar o diálogo entre eles. Quando isso ocorrer, os adultos não devem se sentir ameaçados; é importante que essas situações possam ser vivenciadas, com humildade, como ricas oportunidades de trocas entre os diversos membros da família.

Todas essas experiências, junto com a tomada de consciência por parte das pessoas nelas envolvidas, acrescidas do desenvolvimento de uma dose de sensibilidade pelas questões relativas ao próximo podem ser a base de um sentimento muito necessário nos dias de hoje: a solidariedade. Sentimento que pode se concretizar em forma de atitudes, de ações a se iniciarem dentro da família, entre seus próprios componentes. Essa solidariedade aprendida e vivenciada no grupo familiar certamente terá repercussão em outros ambientes.

Depois de tudo que foi exposto, é possível perguntar: e o amor? Onde ficou aquele amor, em nome do qual antigamente se dizia que eram criados os mais novos? Será que ele se tornou dispensável nas relações atuais?

Não! Certamente o amor não ficou obsoleto! Ele continua a ser o ingrediente principal que une as pessoas, que as faz quererem estar juntas e a se proporem a criar a comunidade familiar. E esse amor cada vez mais deve ser alimentado, para poder adubar os relacionamentos. Só o amor verdadeiro é capaz de garantir a confiança entre todos os membros da família.

E o que é esse amor verdadeiro? Não será uma mera idealização, uma fantasia piegas de tempos passados? Ainda hoje ele é real e necessário, podendo ser definido como um forte sentimento de afeto entre as pessoas, o qual deve ser construído dia a dia; que precisa se expressar concretamente; que nunca chega a ser perfeito, mas que deve buscar continuamente o aperfeiçoamento, o crescimento.

Concluindo, pode-se dizer que constituir família hoje ainda é uma realidade. Ser - e permanecer - família hoje, um enorme desafio! O de se conseguir criar um ambiente agradável, atraente e harmonioso, onde as relações sejam marcadas pelo afeto e principalmente pelo respeito entre as pessoas, pelo acolhimento das diferenças. Só assim se torna possível manterem-se esses vínculos, fazendo com que esse padrão de relacionamento sirva de modelo para a vida fora do lar. E essa família assim constituída pode representar para seus membros um espaço de referência, ao qual sempre é possível retornar, para reabastecer afetos e valores.

* Texto adaptado de artigo publicado na Revista Novamérica, nº 107, disponível em novamerica.org.br

E A FAMÍLIA, COMO VAI?

Marcelo Andrade

1º momento:

SENSIBILIZAÇÃO

- ➔ O/a animador/a apresenta o “Jornal Mural Imagens e Palavras” para introduzir o tema e pede que os participantes comentem livremente as imagens.
- ➔ Em seguida, o animador pede que os participantes escolham uma frase do Jornal Mural para ser analisada. O animador pode lançar as seguintes questões:

➔ **Como você relaciona as frases e as imagens selecionadas?**

➔ **O que elas lhe dizem sobre as nossas famílias hoje?**

2º momento:

APROFUNDAMENTO

- ➔ O animador distribui a todos os participantes uma cópia do texto “O que é ser família hoje?”, de Lúcia Helena Saavedra (Seção “Idéias em Foco”, do Boletim Cidadania em Rede).
- ➔ Após as leituras, o animador pode guiar o debate com as seguintes questões:

➔ **O que mais chamou nossa atenção no texto?**

➔ **O que podemos aprender com relação aos desafios da família hoje?**

➔ **Qual seria o nosso papel hoje na construção da família?**

3º momento:

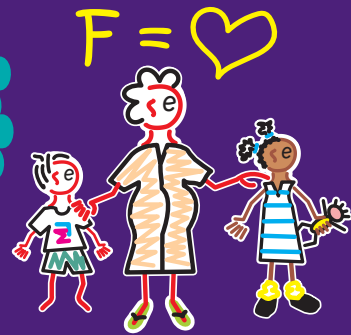
COMPROMISSO

- ➔ O/a animador/a inicia este momento lendo pausadamente o trecho da entrevista de Terezinha Féres-Carneiro (Seção “A Palavra é Sua”, do Boletim Cidadania em Rede) e a Seção “Ecos da Cidadania”.
- ➔ Após estas leituras, propõe a seguinte tarefa para o grupo:

➔ **E a família, como vai?**

➔ **O que podemos fazer para que nossas famílias sejam espaços de cuidado e proteção?**

$F = h+m+f+f$ $F = m+m$
 $F = m+h$ $F = h+h+f$
 $F = m+f+f+f$ $F \dots\dots$



A palavra é sua... solte a voz!

Apresentamos um trecho da entrevista de Terezinha Féres-Carneiro publicada na Revista Novamerica (nº 107). Terezinha Féres-Carneiro é psicóloga, doutora em psicologia, professora e pesquisadora da PUC-Rio. Autora do livro “*Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*” (Editora Loyola)



Esta seção está aberta para sua opinião. Comunique-se conosco!

O que caracterizaria uma família, hoje?

Podemos pensar na caracterização da família hoje do ponto de vista jurídico e do ponto de vista psicológico. Do ponto de vista jurídico, a Constituição de 1988 e o Novo Código Civil de 2002 reconhecem como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus dependentes. Assim como reconhecem como família a união estável estabelecida entre os cônjuges. Isto já é um grande progresso em relação à Constituição anterior onde família era definida como família legítima, constituída a partir do casamento pelos pais e seus dependentes. Acho que já foi um grande ganho para a sociedade e para a saúde emocional dos membros da família, o fato de a Constituição de 1988 reconhecer que o grupo familiar, hoje, é plural e que, além da família nuclear típica, ou seja, o pai e a mãe de um primeiro casamento com seus filhos, temos diferentes configurações familiares. Do ponto de vista psicológico, podemos dizer que família é uma unidade onde predominam, sobretudo, os laços afetivos. Onde predominam a intimidade, a convivência, a solidariedade, a reciprocidade e a afetividade. Na maioria dos grupos familiares, com certeza, a consanguinidade está presente. Contudo, hoje, não se considera a consanguinidade o elemento essencial para caracterizar a família. Então, o que é que temos hoje? Diferentes configurações familiares: a típica tradicional família nuclear, as famílias separadas, famílias recasadas, famílias monoparentais, famílias adotivas, famílias homoparentais.

Como as diferentes configurações familiares afetam a formação, o desenvolvimento da criança e do jovem?

Eu diria que essas novas configurações familiares, em si, não sinalizam um problema, não são menos saudáveis do ponto de vista emocional do que, por exemplo, a família nuclear, do que as configurações mais tradicionais de família. Não considero que os novos arranjos familiares possam ter consequências negativas para a formação da criança e do jovem. O importante, em qualquer família, seja ela nuclear, separada, recasada, monoparental, homoafetiva ou adotiva, é que haja um clima que permita o desenvolvimento dos filhos. A família precisa ser um lugar onde os filhos possam crescer em segurança, ou seja, onde eles possam ter na figura dos adultos - dos pais ou de outros responsáveis - modelos de identificação saudáveis. É fundamental o modo como os adultos desempenham as suas funções parentais frente à criança, sejam eles pais biológicos ou não. É a função simbólica de ser pai e ser mãe que é, sobretudo, importante para o desenvolvimento da criança. Então, ter pais casados de um primeiro casamento numa família nuclear não é garantia de saúde emocional. O importante é que os pais possam ter maturidade emocional e possam assumir as funções parentais.

Você sabia?

Não!

Então,
aprenda mais,
amplie seus conhecimentos
sobre o tema discutido.



- Que apenas 12% das famílias brasileiras foram consideradas comprometidas com a educação de suas crianças? Segundo pesquisa do Movimento Todos Pela Educação, além do grupo de pais comprometidos (12%), foram identificados os envolvidos (52%), os intermediários (17%) e os distantes (19%). O envolvimento dos adultos é fundamental para o bom desempenho das crianças na escola.
- Que segundo pesquisa Fecomercio, em novembro de 2014, nas grandes cidades brasileiras - como Rio, São Paulo e Brasília - metade das famílias estão endividadadas? O Procon alega que o apelo ao consumo tem levado as famílias a comprometerem mais recursos do que ganham.
- Que segundo pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2013, mais da metade das famílias de viciados em drogas tiveram a capacidade de trabalho afetada? O estudo apontou ainda que 28 milhões de brasileiros têm ao menos um familiar dependente de drogas.
- Que segundo o IBGE o número de mulheres jovens com filhos tem diminuído? Em 2000, o percentual de mulheres, entre 15 e 19 anos, com filhos era de 15% e, em 2010, o percentual caiu para 11%. Segundo especialistas, quanto maior o nível de escolaridade, as mulheres tendem a ter filhos mais tarde e a ter menos filhos.
- Que, segundo IBGE, aumenta o número de famílias monoparentais e homoafetivas? Ou seja, cada vez mais, há famílias formadas apenas por um responsável (mulher solteira e filhos ou homem solteiro e filhos) ou famílias formadas por casais do mesmo sexo. A adoção por solteiros e a legalização de casamento homoafetivo acolheu a diversidade de famílias que já existiam no Brasil.

Notícia

Ecoss da Cidadania

NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS

NOTÍCIA

Mais mulheres são chefes de família e optam por ser mãe mais tarde.

G1 | 31/10/2014 | Cida Alves

Os dados de gênero divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as brasileiras estão tendo filhos mais tarde e se tornando chefes de família em mais domicílios do país.

A análise engloba uma década e compara dados dos censos de 2000 e 2010. Nesse período, a proporção de brasileiras com ao menos um filho diminuiu em todas as faixas etárias mais jovens. Esse seria um dos reflexos do aumento da escolarização delas, que passaram a postergar a maternidade para continuar os estudos.

Em 2000, as mulheres comandavam 24,9% dos 44,8 milhões de domicílios particulares. Em 2010, essa proporção cresceu para 38,7% dos 57,3 milhões de domicílios - um aumento de 13,7 pontos percentuais. O IBGE considera como responsável aquela pessoa reconhecida como tal pelos demais moradores do domicílio.

Quando analisados os dados das áreas rural e urbana, verifica-se que, no campo, ainda é mais comum o homem ser o chefe da família. Nas cidades, elas são as responsáveis em 39,3% das famílias, enquanto que na área rural essa proporção é de 24,8%.

Ao analisar o tipo de composição familiar, as mulheres aparecem como chefes de 87,4% das famílias de pessoas sem cônjuge e com filhos. Essa proporção diminuiu consideravelmente quando a formação é casal com filho (22,7%) ou casal sem filho (23,8%).

O estudo mostrou ainda que houve um crescimento maior da taxa de atividade entre as mulheres do que entre os homens no período. A taxa de atividade mostra a proporção da população em idade ativa (16 anos ou mais) que se encontra trabalhando ou procurando trabalho. "É um movimento que começou na década de 70, com as mulheres se inserindo mais no mercado de trabalho", afirma Barbara Cobo, gerente de indicadores sociais do IBGE e coordenadora da pesquisa.

No geral, a taxa se manteve estável: em torno de 64%. No entanto, enquanto a taxa de atividade dos homens caiu de 79,7% em 2000 para 75,7% em 2010, a das mulheres aumentou de 50,1% para 54,6%.

A faixa etária das mulheres que teve um aumento mais expressivo na taxa de atividade foi de 50 a 59 anos - de 39% em 2000 para 50,2% em 2010. Já o maior recuo entre os homens ocorreu na faixa etária de 16 a 29 anos (81% em 2000 contra 74,6% em 2010).

Apesar de os números mostrarem mais mulheres trabalhando, elas ainda enfrentam condições de informalidade. Em todos os grupos de idade ou raça, a taxa de formalização das mulheres teve um crescimento menor que a dos homens e ficou abaixo da taxa nacional de 2010. "A taxa de formalização mostra as pessoas que de alguma forma contribuem para a previdência e possuem garantias para que a renda não vá a zero se acontece algo. Ela significa empregos de qualidade", explica Barbara Cobo.

Editora: Susana Sacavino Coordenação: Marcelo Andrade
Equipe: Marcelo Andrade e Maria da Consolação Lucinda
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca

Realização:



NOVAMERICA

NOVAMERICA Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania

ISSN 1677 - 4167 Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030 - Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033 - E-mail: promotores@novamerica.org.br - http://www.novamerica.org.br